

Matsangas esbarram com patriotismo

Desde os tempos remotos que o nosso Povo se opõe à dominação. Muitos antepassados nossos foram assassinados pelo colonialismo por se negarem à dominação. Já na nossa geração muitos outros conheceram o mesmo destino por dizerem não à dominação, exploração e humilhação.

Na sua trajectória, estes nossos antepassados e contemporâneos, deixaram um trilho que vinga o heroísmo, um legado que constitui em última análise, um exemplo de patriotismo. Foram Homens que entre a traição e a morte preferiram a morte. Outros jogaram suas vidas para salvar milhões.

Estes factos não constituem apenas memórias do passado. Ainda hoje, nas novas circunstâncias em



Armando Zacarias Machava — «Queriam que eu lhes desse informações sobre a localização das posições das FAM-FPLM»

(611)

que se desenvolve a luta, nesta fase de luta contra as agressões imperialistas, os factos se repetem. O nosso Povo nega a dominação. Os exemplos do passado inspiram as novas gerações na resistência e no combate às novas formas de dominação.

Dois factos que passamos a transcrever tiveram lugar, em circunstâncias temporais e de lugar diferentes. Contudo, eles têm como factor comum, o sentimento patriótico que animou e guiou os respectivos autores.

Chamo-me Armando Zacarias Machava, tenho 30 anos de idade, resido na povoação de Banamane localidade de Mabote. Sou milícia. Já fui aprisionado duas vezes pelos bandidos.

A primeira vez foi em Chingwenwe. Nessa ocasião assassinaram o meu sogro, apunhalando-o várias vezes com golpes de baioneta e em seguida atiraram-no para dentro de um poço de água. Consegui iludi-los e fugir. Depois de regressar a Mabote, fui seleccionado para ir com outros milicianos a Zimane 2.

Em Zimane 2 eu protegia as populações enquanto estas estivessem a trabalhar nas suas machambas. Foi nesta povoação que os bandidos me encontraram pela segunda vez. Estava na machamba quando eles apareceram. Perguntaram se eu era milícia. Neguei que o fosse. Então eles obrigaram-me a acompanhá-los a fim de ser interrogado pelos seus chefes. Antes de partirem comigo beberam sumo de canho que tínhamos lá na machamba e depois partiram os potes.

Quando chegámos onde disseram que estavam os tais chefes vi que eles tinham sido guiados até nós por um camponês da zona de Chicatane. Ele é que me denunciou logo que cheguei, dizendo que eu era milícia. Voltaram a perguntar-me, mas eu neguei. Disse-lhes que aquele homem devia estar a fazer confusão, pois eu nem o conhecia. Mas aquele traidor logo desmentiu dizendo que havia trabalhado comigo em Chingwengwe. Eu voltei a negar. Disse que nunca lá estive. Então amarraram-me e começaram a espancar-me até inchar o pescoço e a cabeça. Em seguida levaram-me para a casa de um outro miliciano que o haviam aprisionado antes. Da casa deste miliciano seguimos para Chikhumbene e pelo cami-

nho aprisionaram outro miliciano. Mais adiante assassinaram os meus dois colegas e disseram-me que me reservavam outra coisa.

P — Quantos bandidos eram?
Armando Zacarias Machava — Eram cerca de cinquenta.

P — E como é que você conseguiu fugir?

AZM — Quando me apanharam da parte da manhã tinham-me amarrado as mãos atrás das costas, mas à noite passaram-nas para a frente e amarraram-me uma outra corda à cintura. Chegámos a uma pequena aldeia ao entardecer. Deixaram-me num sítio com um pequeno grupo a guarnecer-me, enquanto o grosso ia ao saque. Então, com o auxílio dos dentes desfiz-me das cordas e fugi. O grupo que me estava a guarnecer ainda chegou a disparar, mas a escuridão protegeu-me. Eles estavam a disparar ao acaso.

P — Porque é que não o mataram na mesma altura em que mataram os outros dois milicianos?

AZM — Eles queriam levar-me para Banamane, onde eu resido, a fim de fazerem o mesmo que fizeram ao meu sogro: assassinar-me e atirar-me para o poço de água. A ideia era a de contaminar a água para obrigarem as populações a abandonar a zona.

P — Quando é que se deu este acontecimento?

AZM — Em Março deste ano.

P — E a sua arma também foi capturada?

AZM — Não. A minha mulher, quando viu os homens que estavam a falar comigo na machamba, e como não os conhecesse foi até ao sítio onde eu tinha deixado a arma e escondeu-a entre o capim e depois ela fugiu para a povoação mais próxima.

P — E quando lhe bateram o que é que pretendiam, para além do aceites de que és milícia?

AZM — Primeiro queriam que eu

confirmasse que era miliciano e depois dar-lhes informações sobre a vida e a localização das posições das FPLM, sobretudo do comando de Mabote. Bateram-me até ficar assim, mas não lhes disse nada. Por isso é que me queriam matar.

P — O que é que viu mais, durante o tempo que esteve cativo?

AZM — À medida que saíam de uma aldeia saqueada eles colocavam minas na estrada, para dificultar as operações de perseguição. Eu vi-os a fazer isso. Quando consegui fugir, à medida que ia encontrando os sítios onde eles tinham enterrado essas minas eu fui colocando ramos de árvores para os sinalizar. Quando cheguei a Mabote (cerca de 70 quilómetros a pé) dei o relatório ao comando.

Graças à acção heróica deste cidadão foi possível desactivar as minas colocadas sem que tivessem causado danos. E Armando Zacarias Machava de novo recuperou a sua arma. Quando falámos com ele acabava de ultimar mais um treino de reciclagem. A esta hora deve já estar a dar luta sem quartel àqueles que a soldo do imperialismo e do racismo boer pretendem desestabilizar a nossa economia e a liberdade duramente conquistada.

DO RAPTO À FUGA

Chama-se Mutador Mateus Machava. A sua idade oscila entre os 30 e os 35 anos. É natural de Nhassope, distrito de Chibabava, província de Sofala. Era milícia e trabalhava numa serração. Mutador Mateus Machava foi raptado quando na companhia da esposa ia à sua aldeia avaliar os estragos feitos pelos bandidos durante a sua ausência. Ele encontrava-se a trabalhar no Búzi.

Mutador Mateus Machava conta que: «Do Búzi onde me encontrava tomei conhecimento de que os bandidos tinham chegado à minha aldeia à procura de milícias. Na aldeia um traidor mostrou-lhes a minha casa, como sendo de um miliciano. Foram até lá, mas só encontraram a minha mulher. Mataram todas as galinhas que eu tinha lá em casa, levaram as minhas botas e outras roupas. Levaram painéis e outros utensílios e depois queimaram as quatro casas que eu tinha.

Sai do Búzi a caminho da minha aldeia, mas antes de lá chegar fui informado de que a minha mulher

se tinha refugiado numa aldeia próxima. Fui lá juntar-me a ela. Ficámos todo o mês de Novembro de 1981. No dia 8 de Dezembro resolvemos ir ver as ruínas do que foi o meu lar. Quando estávamos prestes a chegar cruzámos com alguns homens que a minha mulher reconheceu logo como sendo os mesmos que tinham queimado as minhas casas. Eles também reconheceram a minha mulher. Com as armas que tinham escondido obrigaram-nos a parar. Perguntaram à minha mulher se eu é que era o marido. Ela respondeu afirmativamente. Então agarraram-me e começaram a espancar-me. Bateram-me muito, sobretudo nas costelas. Amarraram-me e voltaram a bater-me. Disseram que me iam levar para a casa deles. Bateram à minha mulher com a coroa da arma nas costas e quando ela caiu obrigaram-me a segui-los.

A vida de Mutador Mateus Machava ia conhecer novos rumos. Amarrado como estava foi obrigado a marchar longamente debaixo dos mais torpes sofrimentos. Mas deixemos que seja o próprio a contar:

«Saímos do ponto onde me apri-

Mutador Mateus Machava —
«Queimaram as minhas casas e depois obrigaram-me a fazer o mesmo a outras pessoas»



sionaram e andámos, andámos, andámos e saímos de Chibabava. Entrámos na região de Manica pela zona de Mombo, onde pernoitámos. Depois, entrámos na base de Garágua de madrugada (este relato passa-se antes da destruição da base pelas FPLM). Dormimos. De manhã quando fomos acordados havia uma formação de gente que ia ser enviada para se procurar infiltrar. Então um dos bandidos que me capturaram disse que eu também devia ser integrado naquele grupo porque eu era

milícia e se ficasse ali podia fugir e ir informar a Frelimo sobre a localização da base. Na base de Garágua eles não deixavam ficar lá gente recém-raptada. Fui então integrado nesse grupo. Saímos ao amanhecer do dia seguinte. Dormimos uma noite no caminho. Não tínhamos comida. Alimentávamo-nos de caju e de amendoim cru que iam roubando pelo caminho. Ficámos uma semana no mato, escondidos. Depois desse tempo eles deram-me uma arma e três carregadores. E disseram-me que eu já era um deles, pelo que não valia a pena eu pensar em fugir, porque caso o fizesse as FPLM haviam de matar-me logo que me apanhassem».

Quando lhe deram a arma ainda não tinham cicatrizado as feridas provocadas pelas cordas com que o haviam manietado desde o dia do rapto até ao da chegada à base de Garágua. Deram-lhe uma arma de fabrico sul-africano e, o que se passou a seguir é o próprio que nos conta:

«Depois dividiram-nos em grupos. Disseram que nos iriam levar para a zona de M'boma. No segundo dia da minha estada lá fui alinhado para ir procurar comida nas casas das pessoas porque no acampamento não havia comida. Fomos roubar uma aldeia e voltámos. No dia seguinte disseram que a comida que tínhamos conseguido era pouca, pelo que tínhamos que voltar a sair. Fomos e voltámos».

Ao cidadão Mutador Mateus Machava os bandidos saquearam e queimaram as suas casas e vêmo-lo na sua narração a fazer a mesma coisa a outros camponeses como ele. Mas estaria ele a fazê-lo de pleno acordo com a sua consciência?

Sempre negámos a dominação, exploração, discriminação e humilhação



«Fiquei algumas semanas a debater-me com a ideia de fugir, porque para além de estar a sofrer por aquilo que me tinham feito, sofria por me obrigarem a fazer aos outros aquilo que me fizeram em Chibabava. Resolvi fugir, ainda que isso significasse maiores e mais sacrifícios. Corria o mês de Janeiro de 1982 e, no dia 4 fugi. Escondi a arma e andei, andei, andei, dormi três noites no mato sem comer nada até que alcancei o rio Save. Fui a casa de um pescador a quem pedi para me transportar no seu barco. Contei-lhe o que se tinha passado comigo. O pescador depois de me dar de comer levou-me à casa

Secretário do Grupo Dinamizador, qual foi apresentar-me no quartel. Daqui levaram-me para Tangwane, onde me deram roupa e comida. Fiquei dois dias em Tangwane e depois fui levado para Metchisso. De Metchisso fui levado para Mabote, de onde fui levado para a cidade de Inhambane».



Rafael Jossai Chitlango — «Diziam que se fugissemos seríamos mortos pelas FAM.-FPLM»

P. — E agora o que é que Mutador vai fazer?

MMM: Agora estou à espera de ir para casa juntar-me à minha mulher e reconstruir o meu lar.

Apesar de ter sido levado a praticar acções contra o seu Povo, o cidadão Mutador Machava não aceitou a aliança que os agentes de Pretória lhe estavam a propor. Negou-se, como se nega todo o nosso Povo, a servir de executivo do imperialismo, que é representado nesta zona do continente pelo regime racista e minoritário da África do Sul, o qual por sua vez, se faz representar no nosso País através dos bandidos armados que criou para desestabilizar a nossa economia.

O Povo moçambicano conhece o significado e o valor da Liberdade e outrossim conhece, porque viveu na carne e no espírito, o sofrimento que é ser-se dominado e nega voltar a sê-lo.

Irmã Isabel Pinto, vítima da acção criminosa dos bandos armados, criados e financiados pela África do Sul. Ficou gravemente ferida quando a viatura em que seguia fez accionar uma mina criminosamente colocada numa via pública. Na ocasião dirigia-se a uma povoação no distrito de Homoine, para visitar a missão lá existente e simultaneamente tomar parte na missa da tarde. No incidente, a irmã Isabel perdeu um irmão que na altura seguia com ela. Chamava-se Francisco Pinto.

A irmã Isabel nasceu no ano de 1936, na Província de Inhambane. É freira da Ordem dos Franciscanos. Para além dos diversos ferimentos que sofreu nas pernas e no rosto, tem uma fractura exposta na tibia esquerda. Não foi capaz de nos contar com pormenores a forma como se dera o sinistro. «Tudo

aconteceu assim de repente». A irmãzinha estava ainda chocada quando nos recebeu na sala da enfermaria onde se encontra a ser tratada. Contudo, como ela própria nos disse, está a recu-

perar satisfatoriamente dos ferimentos recebidos. A médica que nos acompanhou durante a visita também afirmou que os gráficos registam melhorias substanciais.

